


EMBRAPA

 Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual
 Av. Duque de Caxias, 5650 - Bairro Buenos Aires
 Cx. Postal, 01 - Fones: (086) 222-6141/7611/9195 - Telex: (862337)
 64.000 - Teresina - Piauí

Vinculada ao Ministério da Agricultura

PESQUISA EM ANDAMENTO

Nº 15 MÊS 05 ANO 1982 PÁG: 02

DETECÇÃO SOROLÓGICA DO VÍRUS DO MOSAICO COMUM DA SOJA NO ESTADO DO PIAUÍ

 Antonio Apoliano dos Santos¹

Das oito viroses que ocorrem em soja no Brasil, o vírus do mosaico comum é a que tem sido encontrada com mais frequência. Sua ocorrência foi relatada no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. O mosaico comum é uma doença que pode reduzir a produção em até 25%. No entanto os maiores prejuízos, causados pelo vírus do mosaico comum, estão relacionados com a qualidade das sementes, pela presença da mancha-café, os quais, em certos casos, podem atingir até 66%. Este vírus é transmitido, de uma a outra estação, através das sementes infestadas. A percentagem de transmissão pelas sementes varia de 0 a 60 ou mais, dependendo da cultivar e da época de inoculação. Dentro do campo a transmissão é feita por afídios vetores.

No Piauí, ou mais precisamente em Teresina, no Campo da Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE), a constatação do vírus do mosaico comum foi feita em abril de 1982, na cultivar 'Tropical', com uma baixa percentagem de plantas infestadas, não chegando a 1%.

A identificação do vírus do mosaico comum da soja, foi feita através de sorologia, testando-se suco extraído de folhas de plantas com sintomas de mosaico, contra anti-soros para o vírus do mosaico severo do feijão macassar ("cowpea severe mosaic virus"), para o vírus do mosaico do sul do feijoeiro ("southern bean mosaic virus"), para o vírus do mosaico rugoso do feijão macassar e para o vírus do mosaico comum da soja ("soybean mosaic virus"), com resultado positivo apenas para este último vírus.

¹ Pesquisador da EMBRAPA-UEPAE de Teresina.

Paralelamente ao estudo de identificação sorológica, foi feita transmissão mecânica do vírus em soja nas cultivares 'Paraná', 'Santa Rosa' e 'Tropical'. Os inóculos para esta transmissão, foram preparados por maceração do tecido foliar infetado, em almofariz, na presença de tampão fosfato 0,02M, pH 7,2, contendo sulfato de sódio 0,1%, como oxidante. Como abrasivo utilizou-se a celite, adicionada aos inóculos, em pequena quantidade. As inoculações foram feitas, molhando-se a ponta do dedo indicador no inóculo e, em seguida, friccionando-o na superfície superior das folhas, as quais, imediatamente após esta operação foram lavadas com água da torneira. Seis dias depois da inoculação surgiram sintomas de clareamento de nervuras e, 6 a 9 dias após, as plantas apresentavam os sintomas típicos do mosaico comum da soja, nas três cultivares inoculadas, ratificando-se, assim, a identificação do referido vírus.

Como o vírus do mosaico comum da soja é transmitido por semente, é preciso muita cautela na seleção das sementes, evitando-se o uso de sementes colhidas de plantas com mosaico comum, ou na introdução de sementes que apresentam-se com mancha-café, pois na maioria das vezes, sementes com esta anomalia dão origem a plantas doentes.

AGRADECIMENTOS

O autor apresenta seus agradecimentos ao Dr. Mint-tien Lin pela concessão dos anti-soros para os vírus do mosaico severo, do mosaico do sul e do mosaico comum.